

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 20 de março de 2013**

*Texto de referência: “A Declaração Explícita”, em Na origem da pretensão cristã,
Ed Companhia Ilimitada, São Paulo 2010, pp. 103-116.*

- *Negras ombras*
- *Noi non sappiamo chi era*

Glória

Carrón: Tínhamos como trabalho para esta Escola de Comunidade, o início do sétimo capítulo de *Na origem da pretensão cristã*, à luz do que aconteceu neste mês, que nos levou a ver em ato algumas das coisas das quais fala o capítulo. Começo lendo uma pergunta que chegou: “Ultimamente, em todas as colocações ouço falar de contragolpe de mil maneiras: para indicar maravilha, reação, juízo sobre a realidade. Falamos sobre isso também nas nossas reuniões de Escola de Comunidade, mas não me parece que o significado esteja muito claro. O que você quer dizer exatamente com essa palavra?”. No nosso último encontro, usamos esse termo para introduzir aquilo que Dom Giussani chama de “problematicidade”, isto é, que a vida, desafiando-nos, desperta alguns problemas. Quero que uma pessoa conte um episódio que me parece que pode ajudar a responder essa pergunta.

Colocação: *Fiquei muito provocado na última Escola de Comunidade quando você, colocando o tema da problematicidade da realidade, nos desafiou com estas palavras: “Tudo se joga no primeiro contragolpe em relação à realidade, às eleições, ao Papa, à pessoa que tenho diante de mim, ao trabalho, em relação à espera, isto é, em relação à vida. Se cada um de nós não leva a sério o dado do real e se isso não se torna o ponto de partida, já somos ‘modernos’, já somos, no fundo, ideológicos”. E você concluiu dizendo: é preciso “passar do contragolpe inicial ao empenho que isso implica”. O fato é o seguinte: um universitário do Movimento me ligou e me perguntou se podíamos marcar um encontro com um rapaz que acabou de conhecer. Fui me encontrar com eles e fiquei impressionado, porque o rapaz era um romeno de vinte e três anos. Então, perguntei ao universitário: “Onde você o conheceu?”. Ele respondeu: “No metrô. Tinha um cartão onde estava escrito: ‘procuro emprego’. Quando o vi, passei direto. Só que quanto mais caminhava, mais ficava incomodado, mais nascia uma urgência dentro de mim. Dei dez passos, parei e voltei”. E o que eu entendi com isso? Que realmente tudo se joga nesse primeiro impacto inicial, nesse contragolpe. É claro que esse contragolpe nos desafia (não é regra parar para falar com todas as pessoas!), porque não sabemos aonde vai levar. E entendi que é exatamente essa a dinâmica de toda a realidade, como você já tinha nos lembrado no livreto dos Exercícios do CLU. O que o Mistério faz através da realidade? Desperta todo o nosso desejo. E, despertando-o, nos coloca cada vez mais em condições de verificar Quem o realiza realmente.*

Carrón: Acho que o que ele disse é útil para entendermos os fatores da realidade. Em muitas ocasiões não podemos deixar de nos sentir provocados pela realidade. Alguém vê algo que o provoca. Pode deixar para lá, mas isso não ajuda em nada: a pessoa sente um incômodo, surpreende dentro de si uma urgência à qual pode responder ou não, mas não é igual a zero. Significa que o contragolpe não é uma questão apenas sentimental, mas é o início (o início!) que introduz na vida aquilo que Dom Giussani nos disse – e citamos na última Escola de Comunidade – explicando o que é a vida: “a vida é uma trama de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência gerando problemas em variada medida. O problema é a expressão dinâmica de uma reação diante de encontros que provocam. E o significado da vida – ou das coisas mais pertinentes e importantes da vida – [...] é uma meta possível para quem está empenhado na problemática total da própria vida”. Veem? Giussani não diz que a meta é possível para quem recebe o contragolpe, todos nós o recebemos, porque o contragolpe não nos pede permissão, acontece. O que cabe a nós decidir é se

nos empenhamos com aquele contragolpe, com aquele início, com aquela atração, com aquele estupor (por exemplo, o encontro com alguém que procura emprego, como ouvimos), um empenho que nos permite descobrir o significado da realidade, da vida. “Empenhado” e “total”: são dois adjetivos decisivos. “Empenhado na problemática total da própria vida”. Mas atenção, porque nós, muitas vezes, reduzimos este empenho a um tipo de esforço, a um tipo de voluntarismo. Há dentro, evidentemente, como componente deste empenho, um envolvimento nosso. Mas Dom Giussani nos ajuda a entender qual é a natureza desse empenho, que não é um empenho moralista: “O surgimento do problema implica o nascimento de um interesse, despertando uma curiosidade intelectual”. Nós, ao contrário, reduzimos a reação diante do real a um problema moralista (empenhar-me ou não). Na verdade, trata-se de seguir uma curiosidade intelectual. Não é um problema moralista, é um problema de conhecimento. Pensem em seus filhos quando tentam entender como funciona um objeto: ficam entusiasmados e curiosos. Não é que eles não se esforcem, mas o esforço não predomina. O que predomina é a curiosidade, uma grande curiosidade (a qual sustenta até o esforço deles, tanto que nem se dão conta de estarem se esforçando). Se não é assim, tudo se torna pesado. Nós sabemos disso: quando somos tomados pela curiosidade no trabalho ou no estudo, nós não deixamos de nos empenhar, na verdade nos empenhamos mais! A curiosidade e o desejo de saber, de descobrir o significado, de resolver o enigma, de entender como funciona o brinquedo supera o peso do esforço. Mas essa é uma decisão que depende de nós: seguir essa curiosidade ou deixá-la de lado. Por isso, o início – o início – da desarticulação, isto é, do dualismo – seguir um caminho ou outro – está exatamente aqui: “A origem do enfraquecimento de uma mentalidade orgânica [isto é, da atenção total diante da realidade] [...] está uma possibilidade permanente da alma humana, em uma triste possibilidade de falta de empenho autêntico [de novo, para não reduzi-lo a moralismo], de interesse e de curiosidade pelo real total”. O contragolpe é aquele início que desperta nosso interesse, que desperta nossa curiosidade. Nós podemos favorecê-lo ou não. Por isso, não se pode opor o contragolpe inicial ao trabalho. Vimos isso nestes dias de modo evidente diante de um fato que todos vivemos. Basta que cada um pare para pensar o que suscitou em si a notícia da fumaça branca e o que aconteceu das sete às oito de quarta-feira, qual era a nossa postura: estávamos cheios dessa curiosidade. Alguém foi embora porque o novo pontífice demorava para aparecer? Não, permanecemos todos firmes no empenho com a curiosidade que tínhamos. Objeção: mas esse empenho é um acréscimo ao contragolpe? Não! Não é um acréscimo ao contragolpe, é a consequência normal do contragolpe. A pessoa precisaria fazer um esforço maior para se livrar da expectativa que a fumaça branca suscitou do que para ficar diante da televisão esperando. Ainda não conhecíamos a identidade do novo Papa, mas essa não era a coisa decisiva, porque tudo já estava ali, no *Habemus Papam*. Tínhamos curiosidade porque tudo estava contido no início, no fato, era preciso apenas esperar a revelação. E bastou deixarmo-nos provocar, bastou sermos leais com aquele contragolpe. Ninguém pensou no esforço, todos nos empenhamos. Vocês ouviram alguém reclamando porque estava demorando muito? Olhando o que acontecia na praça, tivemos um exemplo evidente do que significa o contragolpe e de como favorecer esse contragolpe não é um privilégio para os moralistas ou para as pessoas corajosas que têm capacidade e energia heroicas. Não, ninguém se sentiu herói naquela noite por ter ficado esperando por uma hora. Simplesmente era a coisa mais normal que se poderia fazer diante da imponente do fato. Então, quando nos damos conta disso, começamos a compreender o que Dom Giussani diz quando fala do empenho com a realidade: se desistimos, então o significado daquilo que aconteceu não se revela. Por isso, opor o contragolpe a essa curiosidade e a esse empenho com a curiosidade é apenas um artifício, porque todos fizemos a experiência inesquecível daquele momento. Por isso, alguém me escreveu: “Fiquei impressionado com a rapidez com que o Papa Francisco se apresentou. Porém, esse acontecimento suscitou em mim uma pergunta, sobre a qual peço ajuda: como se ligam a simplicidade da fé testemunhada pelo novo Pontífice e o trabalho e o caminho que você continuamente nos propõe?”. Acabamos de ver isso: só através da simplicidade daquilo que acontece temos necessidade de ceder e de favorecer a curiosidade inicial, como diz o texto da Escola de Comunidade. E quanto mais alguém compartilha a vida, compartilha os gestos, tanto mais alcança uma certeza de conhecimento sobre o outro, sobre a pessoa que tem diante de si. Todos

estávamos abertos para saber, abertos às notícias que chegavam. Por quê? Por causa da curiosidade incontrolável que tínhamos. Se alguém tivesse ido embora e não tivesse ouvido o Papa Francisco falar pela primeira vez, se não tivesse visto seus gestos, se não tivesse começado aquela partilha da qual fala o texto da Escola de Comunidade, não teria podido chegar a uma certeza de conhecimento como aquela que temos agora. É o que diz hoje o texto da Escola de Comunidade: é preciso uma verdadeira atenção. Uma verdadeira atenção: “Então, quanto mais alguém compartilha a vida de uma pessoa [e para isso é preciso dar-se todo o tempo necessário] mais é capaz de ter uma certeza moral a seu respeito, porque os indícios se multiplicam”. Por isso, não é possível ver ou introduzir uma contraposição entre o primeiro início e a continuação, que é simplesmente uma coerência com a posição inicial. A questão é que, muitas vezes, um instante depois nós decaímos e não mantemos a posição original, por razões diversas. A questão é que uma posição é verdadeira se mantém a postura inicial. Por isso, prossegue o texto: “Cristo finalmente se apresenta como Deus [...] somente quando as consciências que O rodeavam já haviam tomado uma posição diante dele”. Sobre isso, outra pessoa me escreve: “Quando li a frase: ‘De fato, Deus tende a valorizar a situação na qual a nossa liberdade escolheu até então se colocar. O modo como Deus nos trata segue uma decisão já tomada pela nossa liberdade’, fiquei paralisado por dois dias. Parece-me uma frase injusta e ruim porque não nos dá saída. E me lembrei do jovem rico que foi até Jesus com uma ideia própria sobre conversão e Jesus lhe propôs uma concepção diferente, que ele não aceitou e foi embora triste. Teve sua oportunidade e a perdeu. Entendi assim: a pessoa erra e está acabada. Depois, pensei na minha experiência e vi que não é assim, e que o verbo ‘trata’ está no presente e suscita uma continuidade, não liquida a questão. Nossa liberdade se relaciona com aquilo que acontece naquele momento, não com aquilo que aconteceu há cinquenta anos. Um exemplo: organizei tudo para poder estar na última audiência de Bento XVI, em Roma. Para mim, a questão tinha terminado ali, fui e voltei, e não esperava mais nada. Ao contrário, essa partida se joga continuamente nas coisas que o Senhor suscita. A cada instante se joga o relacionamento entre Deus que faz acontecer as coisas e você que deve responder. E acho que a nossa companhia deveria ser a condição onde a nossa liberdade é educada a se abrir e não a se fechar, porque nos desafia continuamente”. É exatamente assim. Nós, muitas vezes, pensamos que o fato de Deus seguir uma decisão já tomada por nossa liberdade, como disse, é uma condenação: você teve a oportunidade e a perdeu. Não. Porque mesmo que a tenha perdido, amanhã de manhã, diante de um belo dia pode novamente dizer “sim” ou “não”, diante da chuva podemos dizer “sim” ou “não”, diante da beleza de um gesto gratuito ou de um olhar cheio de ternura de uma pessoa amiga, podemos dizer “sim” ou “não. Nenhum fechamento nosso pode impedir isso, nenhuma posição nossa pode impedir que certas coisas aconteçam, e que nós as experimentemos. Mesmo que estivéssemos distraídos quando ouvimos anunciar: “Fumaça branca!”, ninguém pôde evitar, não importa a situação em que se encontrava, de levantar a cabeça por um instante. Ninguém pode impedir, porque não está em nossas mãos decidir o que acontece. Por isso, a partida se reabre constantemente. Portanto, não é que já estejamos condenados pelo fato de ter errado, não, a questão sempre se reabre, senão o diálogo do Mistério conosco seria interrompido. Nunca se interrompe porque constantemente, como dissemos antes, a vida é essa trama de acontecimentos que nos provocam, a vida é esse diálogo constante com o Mistério que, através das coisas que acontecem, nos provoca, nos chama. São todas, como dissemos, para o nosso amadurecimento. Portanto, Ele continua a chamar, continua a bater em nossa porta, e o meu fechamento anterior não significa necessariamente que eu ainda esteja fechado agora. Preciso decidir novamente. Quem, por exemplo, quando está realmente com raiva da vida e vê um belíssimo dia não é mudado de novo? Vocês precisam decidir novamente. Diante de um gesto gratuito, a pessoa pode estar irritado o quanto quiser, mas não pode evitar o contragolpe da sua beleza. Cada um de nós sabe muito bem disso, precisa decidir novamente todas as vezes, porque esta é a afirmação substancial da concepção do eu que estamos defendendo cada vez que falamos: senão ficaremos presos, definidos apenas pelos fatores antecedentes, quaisquer que sejam, negando que há um eu constantemente desafiado. Por isso, todas as vezes – e esta é a dramaticidade – devemos decidir se seguimos ou negamos e rejeitamos. E por isso, diz a Carta aos Romanos, somos culpados não apenas uma vez, porque continuamente precisamos decidir outra vez rejeitar cada uma

das iniciativas do Mistério. Por isso, a partida está sempre aberta, até o último instante, como vemos no episódio do bom ladrão: pode ter negado durante séculos e, no final, se abrir. É a liberdade, é o eu. Essa possibilidade constante de se abrir faz parte da concepção do eu. Por isso, diz ainda o capítulo sete: “Quando a liberdade assume uma atitude fechada [porque é a liberdade que decide!], tudo o que acontece favorece para fechar ainda mais”. É impressionante ver isso acontecer dramaticamente na vida. Por isso, Cristo diz que a quem tem será dado ainda mais, porque se encontra na disposição de receber constantemente, enquanto a quem se fecha será tirado até aquilo que pensava ter. E não porque o Mistério esteja indisponível ou irritado conosco ou queira nos fazer pagar... Não, mas porque constantemente devemos decidir novamente, a questão está sempre aberta.

Colocação: *A pergunta que eu quero fazer é sobre o tema da liberdade, porque trabalhei muito sobre a afirmação de que a liberdade é algo muito discreto. Fiquei irritado, porque tive uma discussão com um colega no trabalho: estavam acontecendo algumas coisas e eu fui conversar com ele. No fim, cada um se endureceu em sua posição, e ele deu esse juízo: “Você esmaga a minha liberdade, não respeita a minha liberdade”. Então, dentro de mim, continuava a lembrar da frase “a liberdade é discreta”: provavelmente é isso mesmo, então eu esmago... Depois, outra pessoa me disse: “Não, você não deve me dizer essas coisas, porque não são justas, você precisa respeitar a minha liberdade”. Porém, essa liberdade discreta, no fundo me parecia um pouco uma mortificação de mim e fui reler o capítulo sobre a liberdade em “É possível viver assim?”. E lá, dizia que é uma decisão, que os fatos existem e precisamos decidir a cada instante se cedemos ou não, como diz aqui, a deixar o Mistério entrar.*

Carrón: Bem, sim.

Colocação: *Por que, então, conclui dizendo que a liberdade não se joga, antes de mais nada, em grandes escolhas? Parece-me que, ao contrário, a maior escolha é se cedo a Ele a cada instante.*

Carrón: Porque diante das grandes escolhas, como você diz, aquilo que se manifesta é a postura que assumimos diante das pequenas escolhas, das escolhas normais. Por isso, você me ouviu citar algumas vezes a passagem do Evangelho de que gosto tanto: “A quem compararei os homens desta geração? São semelhantes a meninos que, sentados na praça, falam uns com os outros dizendo: tocamos flauta e não dançastes; entoamos lamentações e não chorastes”. Sem dar nenhuma explicação, é isso que me impressiona, com este exemplo Jesus diz literalmente aquilo que Dom Giussani diz. “Depois, veio João Batista e vocês disseram que era um endemoninhado por causa da vida que levava, pelo modo estranho de se vestir, o liquidaram como problema, como provocação. Veio o Filho do Homem, isto é, eu, que é o contrário, que vive uma vida normal: come, bebe, o convidamos para jantar e aceita. E dizem: Eis um comilão e beberrão, amigo dos publicanos e libertinos”. O som da flauta e o Filho do homem: a postura não é diferente, porque é uma postura diante do real. E isso descreve como o Mistério nos fez. Assim como fomos feitos tão necessitados, não sabemos de onde pode vir a resposta para aquilo de que precisamos. Não conheciam o rosto da pessoa amada, não sabiam qual era o rosto com o qual o Mistério decidiu salvá-los. João e André não sabiam disso antecipadamente. Ninguém sabia. A única possibilidade para perceber a modalidade com a qual o Mistério nos alcança é essa postura aberta diante do real. Por isso, a verdadeira decisão é em relação ao real, a qualquer modalidade com a qual o real nos toca. Não é que temos uma postura quando participamos deste gesto e outra diante do sol ou das montanhas. É a mesma coisa, tanto é verdade que quando estamos fechados, nos irritamos do mesmo modo com o testemunho e com as montanhas, com o marido a quem amamos e com a chuva porque nos perturba. A postura é a mesma porque é uma posição diante da realidade.

Colocação: *Voltando à questão da liberdade, que desta vez me impressionou por ser o tema de fundo em todo o capítulo, o nó na garganta e no coração sempre volta. Mas se o Mistério sempre segue a decisão da liberdade original do nosso coração – e se tudo se escancara é porque é aberto originariamente e, ao contrário, se tudo se obscurece é o primeiro ímpeto de quem se fecha –, já está tudo escrito? Na minha vida, se a consciência de mim é usual, percebo que a liberdade não é algo definitivo, mas acontece dia a dia, quase em cada instante. Se a postura original é*

naturalmente voltada para mim mesmo e não para o Mistério, a razão, que intervém logo depois, pode mudá-la? A razão tem a força necessária, no tempo, para mudar essa escolha original da liberdade, ou é pura graça? É nesse nível que em última instância o Mistério me espera para me fazer corresponder verdadeiramente ao Seu amor que me faz? Mas se, ao contrário, for pura graça, nunca poderia amá-Lo verdadeiramente através da minha liberdade? É exatamente aqui que faço experiência do meu “sim”, e daqui nasce o ímpeto que desejaria, depois, ter em cada ação. Mas essa manifestação contínua do meu egoísmo instintivo que me acompanha, tenta me convencer insistentemente, inserindo quase cotidianamente a dúvida de que, no fundo, a interpretação verdadeira daquilo que Giussani diz é que tudo já está escrito na fonte desse egoísmo instintivo original, que tanto parece dominar. É uma luta cotidiana suplicando a graça e a companhia do Mistério, que usa os meus amigos para me recolocar diante d’Ele dentro dessa vertiginosa escolha quotidiana da liberdade. Tenho inveja da clareza do “sim” de Maria, que foi demonstrado hoje novamente, no “sim” de muitos testemunhos. Que saudade de ter um relacionamento com o Mistério tão cheio da consciência de si, tão real e tão simples como esses testemunhos. Na minha última confissão, o padre me disse: “Resista, lute, viva dizendo sempre novamente a Ele: Basta-me a Tua graça”, e, muito feliz, abraço essa indicação. Mas é justo desejar um passo mais profundo da liberdade que leve àquela paz do filho pródigo aos pés do pai? Como a escolha da liberdade, dom inimaginável dado a nós para nos relacionarmos com o Mistério, pode chegar a ser habitus da consciência de nós mesmos? É uma pretensão? Mas, se é uma pretensão, então por que esta atração, esta sede com exemplos tão evidentes?

Carrón: Depende de como concebemos a palavra *habitus*, que podemos traduzir como familiaridade em relação a uma certa postura. É um desejo humaníssimo, que todos temos: que se torne cada vez mais familiar essa liberdade. Mas a questão é que muitas vezes nós pensamos que ter essa familiaridade significa falta de liberdade, falta de decisão constante. E, a meu ver, esse mal-entendido é decisivo porque, como dissemos numa outra ocasião, você gostaria que essa familiaridade fosse tão mecanicamente habitual a ponto de lhe dispensar de dizer a seus filhos: “Amo você”? Não, evidentemente. Porque dizer: “Amo você”, será sempre algo absolutamente novo, absolutamente único, que não é fruto de nenhum antecedente, de nenhum mecanismo. Senão não seria mais seu neste momento, como você dizia antes. E isso nasce agora, da sua liberdade em relação ao outro ou em relação a Cristo. O “sim” de Nossa Senhora, como você disse, nasce constantemente disso. É evidente que podemos nos educar a que isso se torne cada vez mais familiar, mas sem que isto implique pensar que este “hábito” coincida com eliminar a liberdade. Nós, de fato, queremos que a nossa adesão se torne mais estável, e não que seja eliminada! Podemos dizer sinteticamente que ela se torna mais estável não anulando a liberdade, mas exaltando a liberdade. Quando Nossa Senhora diz sim não é porque reduz a sua liberdade, mas porque a exalta. Não é porque a elimina substituindo-a por um hábito, mas a valoriza cada vez mais. A pessoa é mais feliz em responder, dizer à pessoa a quem ama o quanto gosta dela. É uma exaltação da liberdade, não é uma diminuição da liberdade para evitar errar. É uma concepção da minha liberdade segundo a qual ela se realiza neste “sim”. Por isso, Dom Giussani sempre nos disse que o “sim” não é um problema de coragem ou de energia, mas de estupor, de deixar-se invadir por essa absoluta ternura do Mistério: “Amei-te com um amor eterno e tive piedade do teu nada”. É dessa consciência que o “sim” surge sempre como gratidão, como o “sim” de Pedro diante do olhar cheio de misericórdia de Cristo, como nos lembrava o Papa Francisco nestes dias: um “sim” pleno de toda a consciência da liberdade.

Colocação: *Na empresa que trabalho, somos um grupo de cristãos provenientes de diversas experiências religiosas e nos encontramos toda sexta-feira para um momento de ajuda, de juízo sobre a nossa presença cristã. Por ocasião das eleições ficou evidente que, naturalmente, as pessoas tinham percepções completamente diferentes sobre a situação, e também posicionamentos políticos diferentes. Isso, para mim, sempre foi um problema. Mas desta vez, foi uma novidade: o modo como nos ajudamos a viver as eleições este ano, para mim foi uma ocasião de educação realmente grande. A certo ponto, nossos colegas laicistas, se opuseram: “Vocês são todos cristãos,*

mas no fim, estão divididos”. Sem fazer raciocínios particulares, respondi: “Se vocês pensam que pelo fato de termos a liberdade de nos confrontarmos sobre isso estamos divididos, vocês eliminam a única coisa que nos mantém verdadeiramente juntos, que é Cristo e a potência do Espírito Santo. E se continuarem olhando para o que acontece dentro da Igreja prescindindo disso, vocês perdem fundamentalmente os critérios corretos para julgar a nossa presença”. Quando vi a cara que um colega que pertence a outro Movimento fez – nunca tinha ouvido ninguém algo do gênero – redescobri uma unidade muito grande com ele, um gosto completamente novo de reconhecer que esta unidade existe e que Cristo a renova continuamente. Eu não sei dizer como isso veio à minha cabeça, porém, posso dizer que se o Movimento não tivesse me incentivado a ter um juízo sobre a situação política, nunca teria pensado nisso. Posso dizer que o êxito é um grande gosto que nos convence do fato de que “arriscar” Cristo nas coisas é sempre mais convincente, sempre mais atraente. E na vez seguinte, o ímpeto nasce de uma maneira ainda mais natural, ainda mais simples, se queremos. A liberdade é educada a cada vez, arriscando-a e usando-a.

Carrón: Obrigado.

Colocação: *Querida dizer que tenho experimentado uma gratidão que está amadurecendo em mim nestes meses, graças a um constante trabalho pessoal sobre tudo o que você tem nos indicado através de cartas, artigos e entrevistas. Depois do último encontro do meu grupo de Fraternidade senti a exigência de me confrontar com alguns amigos sobre algumas questões. Normalmente, voltava para casa com uma sensação de insatisfação e, às vezes, de tédio, e só falava sobre isso com meu marido, mas em substância, deixava passar sem me preocupar muito. A impressão é que normalmente são propostos textos que pouco têm a ver com as colocações que são feitas. Explico: não questionava o fato de que os textos indicados fossem lidos na reunião, mas quando as pessoas falavam de suas experiências não partiam do texto. As mesmas colocações poderiam ter sido feitas, mesmo que o texto não tivesse sido lido. Percebo que muitos, inclusive eu, têm dificuldade de comparar a experiência com o texto, como há meses você nos pede para fazer e que Dom Gius sempre indicou como o caminho a fazer. Encontrei um texto em Litterae Communionis de 1992, que diz: “Como a Escola de Comunidade se torna um ponto de comparação? Deve ser, antes de mais nada, lida, esclarecendo juntos o significado das palavras. Não uma interpretação, mas seguir literalmente. [...] Em segundo lugar, é preciso dar espaço para a exemplificação de uma comparação entre aquilo que se vive e aquilo que foi lido. É preciso perguntar-se como aquilo que foi lido e tentado entender literalmente, julga a vida”. Então, depois da última reunião, em vez de manter para mim essas considerações, escrevi para algumas pessoas pedindo um juízo e eventualmente uma correção. Fiquei realmente impressionada com aquilo que o meu email gerou: alguns concordaram com a minhas palavras, outros sublinharam a necessidade e o desejo de nos ajudarmos mais em relação a um juízo, para gerarmos um trabalho e uma amizade ainda maior. Alguém até sublinhou o risco de nos tornarmos presunçosamente juízes. De qualquer forma, a coisa interessante, da qual talvez pela primeira vez fiz experiência, foi ver como, quando vamos até o fundo de um desejo que nasce de uma falta, de uma sensação de vazio – que para mim é uma companhia constante desde quando comecei a usar a razão – isso move e, movendo, faz as coisas nascerem. Então, encontrei-me com alguns deles para jantar, e falei com outros por telefone. Com três amigos que conheço há muito tempo (nos conhecemos desde jovens), nasceu a exigência de nos ajudarmos, e marcamos encontros para lermos juntos aquilo que de quando em quando nos é indicado. Uma última coisa: outra experiência que fiz, graças sobretudo ao trabalho que você propôs sobre as eleições, foi a de me sentir valorizada totalmente como pessoa, e como pessoa pensante, sem receber indicações pré-concebidas sobre em quem votar. Depois de um primeiro momento de desorientação, isso me obrigou a verificar pessoalmente o cenário, assim, simplesmente prestei mais atenção aos jornais, li os programas dos partidos, falei com amigos e colegas e, assim, adquiri uma maior consciência sobre a decisão em quem votar. Em suma, procurei fazer o percurso que você nos sugeriu; e devo reconhecer que foi muito interessante, me obrigou a usar a razão segundo o método sobre o qual você insiste e, depois, descobri que é válido para cada dia e cada circunstância (porque todo dia somos chamados a fazer escolhas, pequenas*

ou grandes). Concluindo, não é que mudou algo na minha vida cotidiana: vou trabalhar, levo as crianças à escola, vou buscá-las, faço-os estudar. Mas está mudando totalmente a maneira de viver todas as circunstâncias. E isso faz renascer, por exemplo, relacionamentos e amizades antigas, fortalece todo dia o relacionamento com meu marido, levando a uma profundidade que sempre desejei, mas ficava esperando o movimento de outra pessoa e não o meu.

Carrón: Parece-me significativa a maneira como você concluiu, e também a utilizo para concluir: “Não é que mudou algo na minha vida cotidiana [...]. Mas está mudando totalmente a maneira de viver todas as circunstâncias”. Essa é a verificação da fé: a pessoa vê que fazendo um caminho, aprende a viver; se dá conta de que viver a vida assim é mais razoável; faz a experiência real daquilo que nos dissemos nos últimos tempos, isto é, percebe a fé como pertinente às exigências da vida. Quando, depois, levamos a sério a proposta que nos é feita, cresce constantemente em nós uma modalidade de estar na realidade muito mais verdadeira, muito mais intensa, muito mais adequada. Você disse que estão renascendo relacionamentos e amizades antigas – tudo se torna novo! –, com uma profundidade que você sempre desejou “mas ficava esperando o movimento de outra pessoa e não o meu”. A promessa que Jesus faz, aquele “cêntuplo doado por Cristo a quem o acolhe na própria vida”, como disse o Papa Francisco na audiência com todos os cardeais dois dias depois de sua eleição, é isto: experimentar que, vivendo a fé, tudo o que tocamos, tudo o que vivemos se multiplica, não porque exteriormente as coisas mudam (os desafios são os de sempre, a cotidianidade é a de sempre), mas porque – tornando qualquer circunstância, educativa, aceitando a problematidade da realidade, seguindo com curiosidade aquilo que acontece – é gerado um sujeito diferente, um eu diferente. E é possível ver isso no modo com o qual a pessoa está na realidade. Essa mudança, essa diversidade que surpreendemos em nós, é a contribuição que podemos dar aos outros, testemunhando o que é a fé no cotidiano, qual é a sua pertinência com as exigências da vida.

AVISOS:

Em abril teremos os Exercícios da Fraternidade. Por isso, a próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, dia 29 de maio, às 21 horas. Retomaremos a primeira parte dos Exercícios da Fraternidade.

Durante a Semana Santa, a Igreja nos propõe gestos para colocar diante dos nossos olhos aquilo que Jesus viveu. Parece-me que o restante do capítulo sétimo tenha muito a ver com o que estamos para celebrar. A luta que se desencadeia frente à pretensão de Jesus – quanto mais emerge, vem à tona a Sua pretensão – não acontece apenas para os outros, mas também em nós, e leva constantemente a nos tornarmos conscientes do que é a paixão de Cristo para os nossos pecados e para a nossa recusa, da possibilidade que Ele abriu com a doação da Sua vida e com a Sua ressurreição. Por isso, continuar a trabalhar sobre este capítulo olhando para aquilo que celebraremos na Semana Santa, nos mostra que não é algo do passado, que podemos entender, entrar no Mistério, exatamente vendo o drama que vivemos hoje, o drama que levou Jesus a dar a vida por nós. E, portanto, é com gratidão que queremos celebrar esses dias, com todo o nosso ser, para agradecer a Cristo por Sua fidelidade e para perder-Lhe que vença nossa teimosia.

Rezemos pelo novo Papa Francisco:

Veni Sancte Spiritus

Feliz Páscoa a todos!